

MACAU UM SONHO ORIENTAL*

*Carlos Alberto Moniz
José Jorge Letria*

SONHANDO...

Há muito, no horizonte longínquo da história, decorria o ano de 1513 quando Jorge Álvares pela primeira vez pisou solo macaense.

Longe estava o navegador de imaginar as voltas e reviravoltas que o minúsculo território viria a dar até ao fim do milénio, data próxima em que lhe foi marcado como destino a reintegração no vasto Império do Meio que, pacientemente, sempre o desejou.

Território de territórios, cultura de culturas, povo de povos, quotidiano de quotidianos, sortilégio de sortilégios, alegoria de alegorias, Macau partiu de uma justaposição estranha de dois mundos distintos, a ocidente e a oriente, à semelhança dos braços envolventes do delta lodoso em que mergulha a sua existência física, para amadurecer, ao longo dos séculos, uma vincada personalidade própria, uma espécie de *tertium genus* cultural, uma síntese original fruto de alquimia histórica cerzida na permanente encruzilhada de caminhos.

Em 1992, quando Aires Vicente, marinheiro português revisitado, se lança à aventura irreprimível da descoberta oriental repete-se o enigma.

O marinheiro obedece tão somente a um verdadeiro impulso de alma, ao chamamento luso para sulcar o desconhecido, apelo que não conhece calculismo nem descanso. Vicente como anteriormente Álvares, parte sem cuidar de prever minimamente o seu itinerário, o que o espera.

A história repete-se. São círculos concêntricos em que se sucedem encontros fantásticos, diálogos impossíveis, cumplicidades surpreenden-

* A primeira edição deste CD, em 1993, teve o patrocínio do IPOR – Instituto Português do Oriente

tes, como se Macau contivesse nas suas entranhas a magia inesgotável de gerar incessantemente fusões maravilhosas, infinitamente mais ricas e portentosas que os elementos iniciais em choque.

Macau, um sonho confuso de Portugal, no dizer de Torga.

Tão confuso que se apresenta continuamente como um enigma irresolúvel na equação pluricontinental da Pátria lusíada.

Porventura igualmente nebuloso para o gigante chinês que, debruçado sobre as colinas de Macau, assistiu incrédulo à misteriosa subida da jovem deusa A Má ao céu para interceder pelos pobres pescadores junto dos senhores que detêm o poder absoluto sobre os ventos e as chuvas, a água e o fogo, a vida e a morte.

Todavia, todos os enigmas têm a sua chave.

Macau, Um Sonho Oriental acaba por sugeri-la, sem achá-la.

Para o conseguir a fantasia deriva para a simbologia universal do génio humano, que não se contem em fronteiras espaço-temporais, antes faz apelo às linguagens expressivas das artes poética, dramática e musical.

Numa simbiose de sons, todos eles de lídima criação humana, propõe-se um código de referência univocamente português para penetrar o encantamento, sem o destruir nem cometer a aleivosia de inteiramente o pretender decifrar.

São respigos de costa a costa, do extremo ocidente ao extremo oriente, unidas em salgada nostalgia, feitos notas e palavras, gestos e mímica, representação e sugestão, que ecoam por um tempo intemporal e que ocupam um espaço indefinido. Como se no inexpugnável enigma que nele se agiganta, assim como na busca febril da sua chave, o *Sonho Oriental* contemplasse aquele mesmo cenário onírico que o poeta açoreano visionário, Antero, reconstrói sem fadiga na sua universal sonética ao mesmo título subordinada.

Os mares do Oriente.

A lua cheia.

A magnólia e a baunilha.

O mar com finas ondas de escumilha...

Roberto Carneiro, Dezembro de 1992

TRAÇO DE UNIÃO

Poema onde está
A palavra extrema
Que une e reconhece
Pois só no poema
Um povo amanhece

Sophia de Mello Breyner Andersen, *Açores*

A Oriente	Peregrino
Amanheço	Boémio
Teimosamente	Aladino
Permaneço	E génio
Exilado	Homúnculo
Misteriosamente	Amortalhado
Ancorado	Crepúsculo
A Ocidente	Ensanguentado

Roberto Carneiro, 1992

O mais perfeito dos sons humanos é a palavra
A poesia é a forma mais perfeita da palavra

Han Yu (768-824)

O SONHO ORIENTAL

Sonho-me às vezes Rei, nalguma ilha
Muito longe, nos mares do Oriente
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha

Antero de Quental, *Sonho Oriental*

NÃO VÁS PARA O MAR HOMEM

Mulher

Não vás pró mar homem
prás ondas da perdição
faz da casa o teu cais
tens em mim a salvação

Aires Vicente

Como posso eu ficar
se o mar é meu destino
é o rumo que eu sonhava
quando era pequenino?

Mulher

Pequenos são os filhos
que ficam à tua espera
podias ser calafate
não marujo da quimera

Aires Vicente

Como posso eu ficar
se o Oriente me chama?
Das ondas eu faço a casa
e do mar a minha cama

Mulher

Não vás pró mar homem
tens aqui o teu sustento
fica em casa não embarques
não cedas ao chamamento

Aires Vicente

Chamamento, dizes bem
porque eu escuto uma voz
que ao chamar-me só a mim
chama cada um de nós

Aires Vicente/Mulher

Ai que sina tão ingrata
a deste amargo fado
que tange cordas de prata
de um amor desgarrado

RUMANDO A ORIENTE

Cantora e Coro

Seguimos as rotas do mar
em galeões, caravelas
e lá fomos aportar
ao porto do sonho das velas

A bordo de tudo um pouco
um pouco de quase tudo:
o escorbuto e a tormenta
e um silêncio de veludo

Coro

*Foi uma onda do mar
uma gaivota de vento
que segredou Oriente
com o timbre de um lamento*

Cantora e Coro

Velejámos, navegámos
passámos rios a vau
e vogando nos mares da China
lançámos ferro em Macau

O mundo fez-se pequeno
prá sede de navegar
que levávamos a bordo
nessas andanças do mar

Coro

*Foi uma onda do mar
uma gaivota de vento
que segredou Oriente
com o timbre de um lamento*

Cantora e Coro

Marinheiros e soldados
trocámos panos e espelhos
por pimenta e por canela,
pelo saber dos mais velhos

E ao touro do destino
fomos pegá-lo de frente
partimos do Bojador
para as terras do Oriente

Coro

*Foi uma onda do mar
uma gaivota de vento
que segredou Oriente
com o timbre de um lamento*

AIRES VICENTE, UM MARINHEIRO PORTUGUÊS

Cantora

E é aqui que aparece
um marinheiro singular
chamado Aires Vicente
com muito para nos contar

Não vem nos livros de História
nos anais da epopeia
é um português vulgar
com rosto de lua cheia

Aires Vicente

Um dia eu quis embarcar
em nau de grande calado
pra tentar a minha sorte
noutro lado

Nesse lado do mistério
onde há cães feitos de jade
e a tinta que é da China
escreve nomes sem idade

Cantora

Lá caminha Aires Vicente
entre pontes e pagodes
vendo velhos mandarins
com os seus longos bigodes

Não falam a mesma língua
mas fazem-se entender
com os gestos e as vénias
de quem se quer perceber

Aires Vicente

Tudo espanta e surpreende
nessa terra tão antiga
onde encontro modos brandos
na gente que me abriga

Também encontro piratas
homens ferozes, brutais
mas o que vejo e aprendo
não o esquecerei jamais

Coro

*Lá vai Aires Vicente
marinheiro português
prás rotas do Oriente
lá vai Aires Vicente*

OS BENS DE MACAU

Aires Vicente

O que procuro eu aqui
que a Índia não me dê?
Não venho ao cheiro da canela
ou do ouro que não se vê

Venho buscar outros bens
para depois poder vender:
as sedas e as lacas
que fazem enriquecer

Coro

*Tens um cantar viajante
guiado pela voz do mar
e bás-de ir a toda a parte
onde o sonho te levar*

Aires Vicente

Venho em busca do almíscar
do brilho da porcelana
e da tinta que se usa
em penas feitas de cana

Dou em troca alguma coisa:
o pano, a pólvora, a crença
e este meu jeito malandro
de quem diz sempre o que pensa

Coro

*Tens um cantar viajante
guiado pela voz do mar
e bás-de ir a toda a parte
onde o sonho te levar*

Aires Vicente

O que procuro eu em mim
que o sonho não me dê?
Eu venho pela quimera
e hei-de saber porquê

O que encontro eu aqui
a Oriente de mim?
Uma baía de jade
num mar que não tem fim

Coro

*Tens um cantar viajante
guiado pela voz do mar
e bás-de ir a toda a parte
onde o sonho te levar*

NA GRUTA DE CAMÕES

Macau, 10 de Junho de 1987

Tinhas de ser assim:
O primeiro
Encoberto
Da nação.
Tudo ser bruma em ti
É claridade.
O berço,
A vida,
O rastro
E a própria sepultura.
Presente
E ausente
Em cada conjuntura
Do teu destino.
Poeta universal
De Portugal
E homem clandestino

Miguel Torga, *Diário XV*

LUÍS VAZ DE CAMÕES

Aires Vicente

Aqui o vejo agachado
com a tristeza nos olhos
já deve ter encontrado
muitas penas, muitos escolhos

Camões

É verdade que encontrei
na minha rota andarilha
muitas mágoas, muitos medos
também muita maravilha

Cantora

Isto escuta Aires Vicente
do homem de ar cansado
que usa roupa de nobre
e traz um olho vendado

Do homem de voz amena
que escreve palavras estranhas
contando com a sua pena
aventuras e façanhas

Aires Vicente

O meu nome é Aires Vicente
sou marinheiro português
tenho as estrelas por tecto
e o mar inteiro a meus pés

Camões

Pois aqui onde me vês
fui soldado, homem da corte
sou Luís Vaz de Camões
um poeta de má sorte

Cantora

Logo pede Aires Vicente
para ler com avidez
os versos de ouro e fogo
de um destino português

Camões

Um dia talvez te deixe
ler o que aqui escrevi
este livro conta a história
do que sonhei e sofri

FREI TOMÉ DE JESUS

Frades/Coro

E aparece neste canto
todo feito de aventura
um outro nome afamado
que na memória perdura

É o de um frade escritão
que nos mostra a outra luz
Macau, Malaca e Cantão:
eis Frei Tomé de Jesus!

Frei Tomé de Jesus

Viajei por muitas águas
rio abaixo, rio acima
vendo os mercadores fazer
as fazendas com a China

Com os frades veio a cruz
mais a promessa dos céus
e Macau passou a ter
também o nome de Deus

Cantora

Era um Deus distante e raro
esse Deus dos missionários
bem distinto dos da China
que são diferentes e vários

Frei Tomé de Jesus

Das naus traziam pra terra
o rumor de uma palavra
que igual a um arado
também rasga, também lavra

Muitos por lá se ficaram
com o chão por sepultura
e daqueles que voltaram
foi gabada a aventura

Cantora

Sai de cena Frei Tomé
com o seu hábito de monge
soletrando a língua mansa
de quem veio de muito longe

LENGALENGA

Adi pidi huva
Pata pidi vento
'Nhonha di Macau
Veng pidi casamento

Casamento feto
Na ponta di lenço
Quim casa com preto
Teng grandi sentimento

Io quere p'ra vos
Vos quere p'ra otro
Dios lo castiga
Faze vosso olo torto

(Anónimo)

Chegados nós a este porto, surgimos no meio de uma angra que faz a terra junto de um pequeno ilhéu que demora ao sul da entrada da barra, onde nos deixámos estar sem salvarmos o porto nem fazermos estrondo nenhum, com determinação de, tanto que fosse noite, mandarmos sondar o rio e tomar informação do que pretendia saber.

Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*

O HOMEM DA “PEREGRINAÇÃO”

Coro

O seu nome é tão falado
na história da literatura
que por vezes esquecemos
que foi homem de aventura

Fernão Mendes Pinto

De aventura e de viagem
com o sol por astrolábio
aprendi, cruzando os mares
que o medo também é sábio

Não fui herói nem fui santo
e se algum exemplo dei
foi de uma vida sofrida
nas histórias que contei

Coro

*Da memória que guardaste
do sonho e da comoção
fizeste um livro andarilho
chamado “Peregrinação”*

Fernão Mendes Pinto

Numa carta que mandei
escrita a bordo de uma nau
em que usei em letra forte
o nome de Ama-Cuau

Esse nome que eu escrevi
lá nos confins da distância
tinha o sabor da magia
dos brinquedos da infância

Coro

*Da memória que guardaste
do sonho e da comoção
fizeste um livro andarilho
chamado “Peregrinação”*

Fernão Mendes Pinto

Não me importo que me lembrem
quando falam de Macau
é pôr um nome de vento
na proa de uma nau

Nas tormentas desta vida
viajei de lés a lés
dando asas navegantes
ao meu sonho português

Coro

*Da memória que guardaste
do sonho e da comoção
fizeste um livro andarilho
chamado “Peregrinação”*

COM O HAI-TU DE CANTÃO

Cantora

No Delta do Rio das Pérolas
é que vai fazer aguada
uma nau de nome santo
depois de larga jornada

Vai a bordo um capitão
Leonel de Sousa chamado
que ao Hai-Tu de Cantão
deixa dito o seu recado

Leonel de Sousa

O intento que nos move
não é assunto de guerra
vimos pra fazer comércio
com as gentes desta terra

Coro de Marinheiros

Queremos falar de paz
com palavras de harmonia

Leonel de Sousa

Sem o troar de canhões
a manchar a luz do dia

Coro

Vimos de muito longe
sem temer a tempestade
marujos do oceano
com a força da idade

Leonel de Sousa

Não queremos levar de volta
no regresso de Cantão
a resposta mais amarga
que há na palavra “não”

Coro de marinheiros

Somos grandes navegantes
do fundo mar oceano
se a bandeira for de paz
voltaremos cá pró ano

PARA WANG LU

Li Bai entra no barco, vai partir
De súbito ouvem-se passos e canções na margem.
Tão profundas as águas do lago do pessegueiro em flor!
Não tão profundas como o amor de Wang Lu.

Poemas de Li Bai, tradução de António Graça de Abreu.

UM LEAL SENADO

Cantora

Já acorda Aires Vicente
com o estrondo da bombarda
vendo correr homens de armas
de mosquete e de farda

Ele próprio pega em armas
para curar da defesa
que andam barcos estrangeiros
atacando a fortaleza

O receio desse assalto
existia há muitos meses
e agora eis que chegam
os soldados holandeses

Querem tomar pela força
a cidade tranquila
dispondo para o ataque
todos os barcos em fila

Coro

Resistem os portugueses
com raiva e com bravura
como convém a quem entra
numa história de aventura

Uns barcos são afundados
outros vão em retirada
e a bandeira portuguesa
esvoaça na madrugada

Cantora

No fim do árduo combate
cai exausto Aires Vicente
outra página se fecha
no livro do Oriente

No livro das mil peripécias
muito há para ser contado
e Macau por ser leal
ficou com um Leal Senado

ELEGIA

Exilado olho para trás e suspiro
Quando será que voltarei a casa?
Regressam os pássaros aos ninhos onde nasceram
E as raposas sobem aos montes para morrerem
Exilado fui porque a lei não se cumpria
Sempre esta mágoa, que não esqueço, dia a dia.

Qu Yuan, (340-278)

UM HOMEM VINDO DE LONGE (SUN YAT SEN)

Cantora

Um dia chega de longe
um homem vindo da China
que na terra de Macau
vem exercer medicina

É médico e é amigo
da gente que nada tem
quer acabar com o império
o seu nome é Sun Yat Sen

Coro

Defende a cura do corpo
mas outra ideia o anima

Cantora

A de criar uma república
para o seu povo da China

Sun Yat Sen

De Portugal eu admiro
a lei, a Constituição
e há uma lição que eu tiro
do mundo em evolução

Cantora

Em Macau ficou erguida
uma casa pra lembrá-lo
aqui morou e viveu
tem a História para julgá-lo

Sun Yat Sen

Uns nomes leva-os o vento
ganham asas de dragão
os outros lançam raízes
na terra do coração.

VIOLA CHINESA

Ao longo da viola morosa
Vai adormecendo a parlenda,
Sem que, amadornado, eu atenda
A lengalenga fastidiosa.

Sem que o meu coração se prenda,
Enquanto, nasal, minuciosa,
Ao longo da viola morosa,
Vai adormecendo a parlenda.

Mas que cicatriz melindrosa
Há nele, que essa viola ofenda
E faz que as asitas distenda
Numa agitação dolorosa?

Ao longo da viola, morosa...

Camilo Pessanha,
Clepsidra e Poemas dispersos.

PESSANHA E PATRÍCIO

Cantora

Se há uma Porta do Cerco
outra haverá franqueada
aos poetas que viajam
com os livros da alvorada

Neste canto de aventura
dois apetece lembrar
Patrício, Camilo Pessanha
com versos feitos de ar

Pessanha era juiz
sabia da lei e da vida
e escreveu um livro único
com o nome de *Clepsidra*

Livro feito de sombras
e de instantes de magia
deu asas de eternidade
à palavra poesia

António Patrício foi
escritor e diplomata
falou do mar e do fim
com letras feitas de prata

Cantou o grande oceano
com letras de mar e vento
foi poeta, escreveu peças
como quem lança um lamento

Macau foi a mesa larga
para a festa dessa escrita
foi distante e esteve perto
numa saudade infinita

BOCAGE: O AMARGO RISO

Cantora

E lá volta Aires Vicente
desta vez para se encontrar
com um poeta de Setúbal
que a Macau foi aportar

Aires Vicente

Olá Manuel Maria
que grande surpresa tenho
ao ver-te aqui nesta terra
nesse teu traço tão estranho

Bocage

Bom dia Aires Vicente
se tal nome te aprouver
podes chamar-me Bocage
que não é nome qualquer
É o nome de um poeta
que entre doença e desgraça
fez do soneto a maneira
de erguer a voz na praça

Fui poeta e tradutor
também fui guarda-marinha
e vim parar a Macau
nesta amarga, sina minha

Do que aqui vi não gostei
e parti sem um ceutil
rumando a Portugal
em vez de ir para o Brasil

Aires Vicente

Pois bem, meu caro Bocage
eu por cá ouvi dizer
que eras rei das anedotas
que fazem rir e doer

Bocage

Também pus nas anedotas
certo ar da minha graça
mas foi na poesia
que verti dor e desgraça

VENCESLAU DE MORAIS

Cantora

Vem um homem de tão longe
pra se sentir encontrado
traz um destino de vento
no seu kimono bordado

Do Oriente faz a casa
e da errância uma sina
e cada carta que manda
escreve-a em tinta da China

Nenhum mistério lhe rouba
o gosto que tem de inventar
um mapa nas folhas de chá
um rosto na luz do luar

Nos livros em que se conta
também confessa a saudade:
uma fénix que renasce
com asas de eternidade

Vai de Macau pró Japão
a terra dos samurais;
na ilha dos seus amores
está Venceslau de Morais

REGRESSO DE AIRES VICENTE

Cantora

Nem sempre foram de paz
os tempos aqui vividos
houve meses de alvoroço,
magoados e sofridos

Neste porto se cruzaram
muitas gentes de outros mares
malaios, mouros, cananins,
os timores e os malabares

Aires Vicente

São assim os portugueses
um povo feito de povos
que chegou ao Oriente
experimentando rumos novos

Poemas e longas cartas
em Macau foram escritos
para descanso dos ausentes
e consolo dos aflitos

E foi Macau cobiçado
por outras gentes do mar:
holandeses e ingleses
que lá quiseram ficar

Em Macau foi seu intento
instalarem feitorias
para o comércio dos bens
que levantam companhias

Cantora

Já prepara Aires Vicente
a viagem de retomo
com as velas enfunadas
por um ar que é doce e morno

Não podem durar para sempre
as viagens de aventura
que o sonho navegante
só é sonho enquanto dura

Aires Vicente

Começou por ser um porto
para abrigo da pilhagem
depois teve nome santo
fez-se rota de viagem

Aires Vicente/Cantora

Embriagou de quimera
as noites da marinagem
hoje traz ecos de sonho
embalados pela aragem
hoje traz ecos de sonho
neste canto de viagem

Tutti

*Macau, Macau, Macau
e o longe fez-se perto
à proa de uma nau
um destino feito de água
para quem passou
rios a vau
à proa de uma nau
Macau, Macau*